

LÍNDEZ, José Vílchez. **Sabedoria e sábios em Israel**. Tradução: José Benedito Alves. 3ª Edição. São Paulo, Edições Loyola: 2014. 268 páginas.

Sabedoria e sábios em Israel: uma resenha crítica

Vanessa Soeiro Carneiro¹

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). É escritora e professora de literatura, inglês e francês. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3748850722281584>

Nascido em Granada, Espanha, em 1928, José Vílchez Líndez é um padre jesuíta formado em filosofia e em teologia. Ele estudou na Espanha, na Áustria e na Itália antes de retornar ao seu país de origem, onde trabalhou por muitos anos como professor na Faculdade de Teologia de Granada. Suas pesquisas e, por consequência, suas aulas, abordam temas relacionados à antropologia teológica e ao estudo dos livros do Antigo Testamento, com ênfase nos sapienciais.

Em 1995, ele publicou o livro *Sabedoria e sábios em Israel*, cujo intuito é tornar conhecido ao leitor contemporâneo o mundo dos sábios da Israel antiga. Para tanto, Líndez expõe, ao longo de onze capítulos, o Antigo Testamento, focando nos livros sapienciais, a partir do contexto do mundo antigo. Dessa forma, ele constrói e apresenta aos seus leitores os conceitos de *sabedoria* e *sábio* conforme a cosmovisão israelita.

No primeiro capítulo, Líndez contextualiza Israel geograficamente, explicando como as culturas dos povos ao seu redor, especialmente o Egito e a Mesopotâmia, compreendiam a sabedoria. Sobre tal assunto, é interessante destacar que, ao contrário dos povos circunvizinhos que nasceram e se desenvolveram em terras férteis, o deserto teve primordial importância na formação do povo israelita. Sendo assim, pode-se dizer que ele “foi o berço da sabedoria e o ponto de referência dos sábios de Israel” (p. 18). No capítulo seguinte, o autor aborda a visão israelita sobre os conceitos de sabedoria e de sábio. Para esse povo, um sábio não era especificamente alguém que fosse culto – visão comum atualmente –, mas uma pessoa que se especializava em uma atividade humana

a ponto de se tornar mestre nela. Além disso, a sabedoria poderia vir de diferentes fontes, tanto do lar quanto da escola, tanto da interação com os povos vizinhos quanto da sua própria tradição, etc.

No capítulo três, o autor trabalha as ideias anteriormente apresentadas de forma mais ilustrativa, apresentando exemplos, tirados do Antigo Testamento, de pessoas consideradas sábias, tais como Bezalel, Salomão, Daniel, os artesãos, as carpideiras, as mulheres fazedoras de tendas, etc. Ele também destaca que a sabedoria não é uma qualidade por si mesma. Pelo contrário, ela pode ter um forte aspecto negativo quando usada erroneamente. Por fim, Líndez esclarece que a verdadeira e, portanto, virtuosa sabedoria está centrada em Deus e não no homem. É essa sabedoria que todo homem deve buscar desenvolver e isso só pode ser feito por meio do temor ao Senhor.

No capítulo quatro, Líndez explica que, no mundo antigo, a sabedoria era compreendida como um sistema de valores por meio do qual o homem compreendia o mundo. Assim sendo, arriscamos dizer que ela estava intimamente ligada à cosmovisão dos povos antigos. É importante destacar que, segundo o autor, essa sabedoria é pré-crise, sendo essa crise relacionada a questões de fé. Ou seja, os povos da Idade Antiga não problematizavam a existência do divino, pelo contrário, os deuses eram importantes para o desenvolvimento da sabedoria. Entretanto, enquanto os sábios dos demais povos centralizavam a sabedoria na experiência humana e na sua busca por Deus por meio de uma relação impessoal, os sábios israelitas centralizavam a sabedoria na própria Divindade. Para Israel, é Deus quem busca o homem e constrói com ele uma relação pessoal sem abrir mão de sua soberania. Nos dois capítulos seguintes, o autor explana como tal sabedoria se relaciona com o *Livro dos Provérbios* e a *Sirácida*², respectivamente.

No sétimo capítulo, Líndez começa a dissertar sobre o período de crise na sabedoria. Ele explica que o povo hebreu passou por várias provações históricas e, mediante isso, sua fé foi testada. Consequentemente, sua concepção religiosa foi abalada e também a forma como compreendiam a sabedoria. Nos capítulos subsequentes, o autor descreve como essa crise se apresenta na forma como os livros de *Jó* e *Eclesiastes* abordam a sabedoria. Enquanto o primeiro é uma abordagem mais teológica, o segundo é mais filosófico. Ademais, Líndez afirma que, de acordo com estudos mais recentes, é mais provável que o autor de *Eclesiastes* tenha sido um sábio judeu chamado *Qohélet* do que o rei Salomão.

Líndez inicia o capítulo dez defendendo a canonicidade do livro de *Sabedoria* e explora seu conteúdo no decorrer dessa seção. Segundo ele, os autores de *Sabedoria* demonstram ter sofrido influência para além da cosmovisão israelita, como do helenismo

² Livro escrito pelo hebreu Jesus Ben Sirac e que veio a se tornar parte da Bíblia católica por meio do Concílio de Trento em 1546. Também é conhecido como *Eclesiástico*.

e, principalmente, do estoicismo. Ainda assim, o livro consegue fazer uma espécie de releitura do Antigo Testamento, revelando o agir de Deus na história do seu povo.

No último capítulo, o autor faz uma rápida recapitulação do conteúdo desenvolvido ao longo do livro e então aborda brevemente a noção moderna de *sabedoria e sábio*. A partir disso, ele expõe as semelhanças e diferenças entre os conceitos antigo e moderno, enfatizando o fato de ambos serem humanistas e antropocêntricos. Enquanto no primeiro contexto, a sabedoria israelita se destaca por ser baseada no temor ao Senhor, no segundo ainda há a necessidade de reconhecer a natureza caída e o potencial perverso do homem.

Por tudo isso, *Sabedoria e sábios em Israel* é um ótimo livro para quem busca compreender o modo israelita de pensar a sabedoria. A abordagem de José Líndez é completa, mostrando o pensamento de Israel pré e pós-crise, além de trabalhar as convergências e divergências com a concepção que os outros povos da Antiguidade tinham da sabedoria. O fato de ele também analisar os livros *Eclesiástico* e *Sabedoria* também é interessante. Apesar de, como cristãos protestantes, não considerarmos tais livros canônicos, a análise de ambos enriquece a leitura e a nossa compreensão do modo de pensar israelita.

Recomendamos a leitura desse livro para quem se interessa por estudos filosóficos, em geral e, especialmente, para quem quer entender como o povo de Israel apreendia o mundo ao seu redor e de que forma isso influenciava a maneira como eles produziam “filosofia”. Entretanto, nossa recomendação não é isenta de algumas ressalvas.

Em primeiro lugar, alertamos o leitor para o fato de a linguagem utilizada por Líndez ser cansativa. Logo, a leitura não é fluída e, por vezes, se torna laboriosa. Em segundo e último lugar, é interessante que o leitor desse livro já tenha uma certa base de conhecimentos teológicos, pois, apesar de não ser o seu foco, o autor analisa teologicamente vários textos bíblicos e, em alguns momentos, discordamos de suas conclusões. Em outras palavras, algumas de suas exegeses são questionáveis. Portanto, o leitor deve estar atento a esse aspecto do texto.